



# Dos meus apontamentos de Tenente

Pelo Major NILO GUERREIRO LIMA

## TÍTULO I

### Conselhos aos jovens instrutores

A parte essencial e básica de nossa missão, a que a justifica cabalmente, tendo em vista o preparo da Nação para a guerra, é a instrução. Em tempo de paz ela resume a nossa profissão e é nela que formamos a nossa própria personalidade, de chefe.

O desideratum procurado com ardor por um jovem oficial deve ser o de tornar-se um bom instrutor.

Ser bom instrutor significa saber disciplinar pelo exemplo e instruir pelo saber e habilidade os soldados e a tropa, tornando os primeiros mobilizáveis e a segunda perfeitamente conhecedora dos seus deveres na paz como na guerra.

Infelizmente o bom instrutor não se improvisa. E' preciso que cada jovem oficial faça um grande esforço para atingir êste ideal. Só o estudo meditado dos Regulamentos, os conselhos dos oficiais experimentados, o trabalho constante e progressivo na caserna, a observação quotidiana da matéria prima — o soldado — que êle deve plasmar e buriar, só a prática de ministrar os diversos assuntos, o golpe de vista, o bom senso, o espírito de iniciativa e sobretudo a fé na nobre missão de educador e condutor de homens podem proporcionar, atingir o almejado objetivo.

Esta fé é necessária e indispensável. Ela repousa sobre dois alicerces sólidos: a vocação militar e a honestidade profissional.

Sem o espírito militar, o gôsto pela carreira, o entusiasmo, sem viver-se a situação, sem a compenetração de chefe, a instrução deixará sempre a desejar, porque não existe a essência dela mesma — a alma do instrutor.

Eis porque é imprescindível a vocação militar a quem se destina á carreira das armas. O candidato a oficial deveria inicialmente preencher num período preliminar um certo número de condições que atestassem o seu gôsto e entusiasmo pela nossa vida de sacerdócio e sacrifícios, além de uma acurada observação das suas qualidades militares e morais. Este processo seria o primeiro filtro destinado a depurar previamente as falsas vocações.

O exemplo na instrução, como na educação é quasi tudo. O instrutor deve ser o exemplo da tropa. O soldado recruta tem o espírito de imitação muito desenvolvido.

O instrutor disciplina pelos seus conselhos e por sua correção, impõe a sua autoridade pela energia de suas ações, conquista o coração dos seus instruendos pelo espírito de justiça e paciência, exerce definitivamente a sua ascendência sôbre a tropa, pelo seu saber e pelo seu trabalho. Benevolente sem ser frouxo, punindo os maus para corrigí-los e premiando os bons para estímulo de todos, não se esquecerá nunca que só se pode exigir dos soldados todos os seus deveres, quando se lhes garantem todos os direitos.

Fica na sua linguagem definitivamente abolido o discurso — sempre pouco eficiente, que será substituído por têrmos simples e precisos ao alcance de todos.

Tudo que puder será materializado. O ensinamento concreto choca melhor a imaginação do homem.

Apelará mais para o raciocínio dos instruendos de que para sua memória. Não fatigará a atenção, para isto variará os exercícios, despertará por vários modos o interêsse dos homens, guiando-os, encorajando-os, desenvolvendo as iniciativas individuais, louvando o interêsse, a dedicação e a bôa vontade, tudo dentro dos limites do bom humor e da sã camaradagem. Organizar com método e previamente o seu trabalho, de acôrdo com o programa do seu Cap., fazendo a

êste as sugestões que julgar oportunas para melhorar a sua execução.

Combater o improvisamento de suas seções de instrução quasi sempre decorrentes da falta de cuidado e zêlo que, benèvolamente, podemos chamar de "lei do menor esforço".

Antes de ensinar qualquer assunto perguntar a si mesmo: O que quero ensinar hoje? Quais os ensinamentos que vou focalizar? Explicar sempre o porque do que ensina e não se esquecer de que deixar de corrigir o êrro revela completa falta de habilidade na instrução. Controlar os exercicios e movimentos, executando-os pessoalmente ou retificando-os por "atos e não por palavras". Dar muita atenção a ação dos seus auxiliares imediatos: monitores, graduados sargentos, abstendo-se de corrigi-los em presença dos instruídos. Procurar tornar-se um bom psicólogo, conhecendo a alma dos seus soldados. Só exigir esforços proporcionais á resistência física de cada um. Dar uma importância capital à instrução individual, base da instrução da tropa.

O instrutor deve convencer-se de que são sempre os fatores morais no combate, como na instrução e em tudo o mais na vida — o caminho mais curto que conduz à vitória.

Nada se consegue sem o trabalho constante, pertinaz e progressivo. Sem uma vontade firme e o esforço individual do instrutor a vereda será escabrosa e cheia de tropêços, mesmo levando em consideração as qualidades intellectuais de quem instrui. Esta é a razão de muitos officiaes inteligentes não conseguirem obter na tropa o êxito a que fazem jús pela sua formação profissional. O espirito dispersivo, a falta de método, a ausência da fôrça do querer e da pertinácia no atingir o fim a que se propõe, transformam nos maiores obstáculos os pequenos entraves comuns a vida dos corpos, desorientando o instrutor e por consequência diminuindo a sua capacidade de trabalho.

Não basta, pois, a cultura e a intelligência, é preciso a prática, o método e a vontade para alcançar o máximo rendimento na instrução. Esse é o maior prêmio do instrutor.

A sua consciência profissional, o seu amor próprio vibram

com o sucesso, porque êste nada mais é do que a resultante do seu trabalho orientado, variando na razão direta do seu esforço pessoal.

E assim, começa a se fazer o bom instrutor que é e será sempre admirado pelos seus colegas e distinguido pelos chefes, embora a sua maior satisfação deva ser a de sentir-se bem no tribunal de sua consciência, sendo honesto na profissão e dedicando-se inteiramente aos serviços do Exército para engrandecimento da Pátria.

E para concluir eu direi como o grande OSÓRIO:

“AOS DIGNOS BASTA APONTAR O CAMINHO DO DEVER”.

## TÍTULO II

### Métodos de instrução

O que devemos entender por método ?

Não deve ser êle função do temperamento de cada um, variando portanto de instrutor a instrutor ?

Sem o método pode haver orientação ?

Se recorrermos a língua donde se origina a palavra método — o grego, encontraremos **metha-odus** — caminho para... Se preferirmos o regimem das definições achamos “método é a ordem que o espírito segue para desvendar a verdade”.

Logo um primeiro indício ressalta do significado e da definição; a sequênciã lógica afim de se poder chegar a conclusão. Como corolário pode-se afirmar que quem negar o valor do método, será um desordenado intelectual.

Sem método não há sequênciã, não há lógica, não há ordem, não há resultados nem conclusões porque “a razão segue sempre os processos indutivo ou dedutivo”.

Os métodos variam contudo em todos os ramos da atividade humana.

Cada ciência tem o que lhe é peculiar e próprio. Cada arte serve-se dêle para tornar mais refinada a sua sensibilidade ou a sua finalidade.

E' imprescindível e lógico, pois, que o todo militar — o **Exército**, e especialmente cada **Arma**, parcela dêsse todo — tenha estabelecido os seus métodos de instrução.

Mas tôda a ciência repousa sôbre um alicerce sólido, tôda a arte tem a sua coluna mestra. "E a Arte da Guerra, que emprega meios cada vez mais científicos" tem as suas raízes na **Doutrina** — origem do raciocínio, base de partida para o método e fôrça de um Exército.

Daí a catalogação dos princípios imutáveis da guerra e a existência dos nossos Regulamentos — elementos constitutivos dessa Doutrina, cuja unidade se busca numa ânsia justificável e só se encontrará pela aplicação do mesmo método.

Essa unidade de doutrina no quadro mais restrito da instrução, nada mais exprimirá, portanto, do que a convergência de esforços em função da unificação dos ensinamentos e das suas interpretações.

Unifiquemos a cultura militar, começando por unificar a nossa linguagem militar; metodizemos a instrução nos corpos de tropa e, assim, estaremos cooperando, dentro da disciplina intelectual uniforme e conciente, para conseguirmos a unidade de raciocínio, traduzida no milagre de cérebros diferentes encararem o problema sob o mesmo prisma, os dados da mesma maneira, procurando a solução nos limites de uma mesma sequência lógica e racional.

A questão, que avulta pela sua importância, é complexa e exige a cooperação de todos os infantés e a sua regulamentação pelo nosso Estado Maior.

Se "a instrução é uma questão sem interrupção, em via de evolução", se atualmente modificam-se e modernizam-se as idéias táticas, porque não se experimentará regularmente o método, evitando os meios rotineiros "que não mais condizem com a finalidade atual da instrução ou que apresentam rendimento deficiente em relação aos esforços despendidos?"

O método a adotar deve ser aquele que conduza ao fim desejado mais diretamente e em menor tempo.

Não nos resta mais o direito de perder tempo, no regi-

mem de um ano de serviço militar, com discursos inúteis ou experiências negativas.

Todo o tempo de instrução desperdiçado é um crime.

Se a nossa biblioteca militar é pobre no assunto, os mestres francêses, com a experiência da guerra e o fino espírito dos latinos, já escreveram bastante, consolidando de um modo cabal os meios que permitem obter no menor tempo o rendimento máximo.

Isto de se dizer que o nosso método deve ser diferente do francês, encerra quasi sempre: 1.º, um cabotinismo incoerente, pois que a nossa doutrina é calcada na francesa e somos há 20 anos instruídos por oficiais francêses; 2.º, mania de contradição; 3.º, desconhecimento do método francês.

Qual o instrutor de infantaria que poderá negar o valor dos trabalhos dos Cmts. Paillé Bouron, Lafargne, Guigues, etc., e o auxílio que essas notas lhe prestaram? Não foram ótimos os resultados obtidos por todos os instrutores que applicaram seus processos?

Consequência dos ensinamentos reais da guerra, provado experimentalmente no tempo de paz, que argumentos nos resta para repelir êsse método?

Felizmente, porém, um grupo brilhante de oficiais de infantaria há muito vêm se dedicando com carinho em ensaios preciosos nesse sentido, visando dar novos rumos à instrução, tendo já as colunas da "A Defesa Nacional" publicado vários trabalhos de infantes de reputado valor profissional e essencialmente progressistas.

A êstes quero juntar hoje com minha modesta cooperação e com o direito que me assiste a relativa prática de 14 anos de instrutor na tropa, algumas palavras que exprimam a minha opinião pessoal, fruto das minhas observações.

A instrução de infantaria comporta inicialmente dois grandes ramos gerais:

- a) a instrução da tropa e
- b) a instrução dos quadros, ambas visando o preparo para a guerra.

A instrução da tropa compreende três períodos distintos: o de recrutas, de Cia. e de Btl., mais um curso de especialistas e graduados, e um período final de manobras, corôando o ano de instrução.

### 1.º período

O 1.º período, atualmente de quatro e futuramente de seis meses, tem por fim tornar os recrutas mobilizáveis. “O homem é mobilizável desde que saiba bater-se no G. C., na peça de Mtr. ou Ptr.”.

Isto quer dizer: que o soldado julgado mobilizável deve estar em condições de utilizar o fuzil, mosquetão e pistola, lançar granadas de mão e de fuzil, utilizar o F. M. e fazer uso da baioneta, se pertencer a unidades de F. V., ou além disso saber manejar as Mtrs. ou os Ptrs., se estiver nessas sub-unidades; deve saber empregar a ferramenta de sapa e ter noções gerais da Organização do Terreno; saber observar, conhecer e utilizar o terreno; possuir um físico capaz de suportar as marchas e as fadigas comuns do combate, ter o caráter alevantado por uma educação moral apropriada; conhecer os deveres gerais da vida de campanha, possuir noções gerais sôbre a organização do Exército e sobretudo saber agir bem dentro do Grupo ou da Peça, ou no desempenho das missões individuais do soldado no combate.

Por esta razão, surge uma primeira medida de ordem: a divisão da instrução em grupos distintos de exercícios, que é assim feita já pelo novo R. E. C. I.:

- I) Educação moral e Instrução Geral.
- II) Educação Física.
- III) Instrução Técnica.
- IV) Instrução Tática.

Nestes quatro grupos devem ser incluídos todos os assuntos indispensáveis ao infante no combate.

Vejamos agora os objetivos de cada grupo e as matérias que os compõem:

## I) Educação Moral e Instrução Geral

Comporta a educação cívico-moral do soldado, tôdas as regras do serviço interno e de guarnição, regulamento de continências, noções gerais sôbre a organização do Exército e do R. I. S. G., rudimentos de Geografia e História do Brasil, etc.

A Educação Moral tem por fim elevar a alma e lapidar o caráter do homem, aumentar as fôrças morais, exaltar o Patriotismo e a Honra, desenvolver o espírito de sacrifício e o sentimento do dever militar, creando a ligação moral entre chefes e subordinados.

A Instrução Geral visa completar a Educação Moral, imprimindo hábitos de ordem e disciplina, obediência e correção; dando ao homem o conhecimento preciso dos deveres e necessidades relativos à vida militar e uma idéia geral do que é o Exército.

## II) Educação Física

Tem por fim pôr o homem em condições de fazer a guerra, aumentando o seu valor físico, pois o infante inicialmente deve ser um homem forte, são e robusto.

Ela comporta a adaptação às especialidades que visa desenvolver as qualidades particulares, necessárias ao manejo dos diversos engenhos e o treinamento de marcha.

Desta parte da instrução, já bem regulada pelo novo método de Educação Física Francês, constituindo hoje entre nós quasi uma verdadeira especialização, nada direi adiante, visto como o Exército já possui um grande número de officiaes técnicos em melhores condições de fazê-lo. Contudo, embora a reconheça utilíssima, devo declarar que, na minha opinião, a Educação Física no Exército é um meio e nunca um fim. Devemo-nos afastar do objetivo de preparar campeões e atletas, porque temos que tornar em seis meses os homens mobilizáveis, e êsses excessos prejudicarão necessariamente o tempo destinado às outras partes da instrução.



### III) Instrução Técnica

Tem por objetivo forjar o instrumento do combate.

Ela compreende:

a) **Ordem unida:** escola da precisão e da energia, da disciplina e da coesão. Cuida da apresentação do soldado e da tropa em situação estranhas ao combate;

b) **Técnica do Armamento:** conhecimento de todo o armamento e munição utilizável pela infantaria e demais material necessário ao tiro.

c) **Técnica do tiro:** teoria geral do tiro e estudo do tiro das diferentes armas;

d) **Técnica da Organização do Terreno** — compreendendo o emprêgo da ferramenta de sapa;

e) **Técnica das Transmissões:** conhecimento dos processos e estudo dos meios de que dispõe a Cia.;

f) **Maneabilidade:** ginástica de flexionamento destinada a ensinar as formações e o mecânismo dos movimentos no combate, sem qualquer hipótese tática.

Este grupo abrange, pois, tudo que o soldado deve aprender para aplicar dentro do G. C. ou da Peça de Mtr. ou Ptr.

Èle comporta uma sub-divisão:

1.º, a instrução técnica individual, chamada Escola do Soldado;

2.º, a instrução técnica das unidades constituídas, chamada Escola do G., do Pel., da Cia., etc..

### IV) Instrução Tática

Tem por fim aplicar em situações de combate e campanha tudo que o soldado aprendeu nos outros grupos, constituindo, assim o "coroamento final de tôda a instrução".

Ela compreende:

a) A instrução de combate, que se subdivide em:

1.ª, instrução tática individual — destinada a preparar o homem para o combate;

2.ª, instrução das unidades constituídas para o combate;

b) Instrução do Serviço em Campanha — destinada a ensinar a tropa as regras gerais aplicáveis aos diversos atos da vida de campanha.

Vista assim a primeira grande divisão da instrução de Infantaria, primeiro passo para a organização do método, passemos aos outros fatores, formulando os princípios gerais;

1.º Tôda a instrução é iniciada do simples para o composto. Na instrução do 1.º período ela começa na Escola do Soldado, juntamente com os exercícios físicos, os ensinamentos gerais e morais, a instrução tática individual e noções do serviço em Campanha.

2.º **Os processos de ensino variam:**

a) Com a natureza do assunto e maneira de ministrá-lo. Assim, a Educação Moral e a Instrução Geral devem ser ministradas em forma de palestras e pequenas conferências, nos tempos da tarde, em dias de mau tempo te em tôdas as ocasiões julgadas oportunas pelo instrutor. A Educação Física deve ser ministrada em seções pela manhã, podendo-se, contudo, prever o tempo da tarde para os esportes, etc.. etc..

b) Com os meios de que dispõe:

Nem sempre as Cias. têm os seus quadros completos, e além disso os instrutores devem dispor de bons auxiliares. Daí a necessidade de um período de monitores antecedendo o período de recrutas, afim de que a questão de instrutores e auxiliares fique, senão resolvida, ao menos atenuada.

As vezes esses meios são limitados pela falta de material...

c) Com a progressão racional prevista na organização dos programas dos Cmts. do Btl. e das Cias.

E' preciso saber ordenar os assuntos dentro de uma sequência lógica e perfeitamente exequível.

Não é honesto organizar-se programas vastíssimos e brilhantes para ficarem apenas no papel. Não basta só seriar as matérias preenchendo o ciclo completo da instrução, é preciso prever a questão tempo; os dias de chuva, a interrupção da instrução, tão comum entre nós, nas vésperas das paradas; os serviços extraordinários, os exercícios que precisam ser repetidos por má execução anterior ou pela necessidade de explorá-los, etc.

Daí os programas dos Capitães serem organizados apenas por semanas.

d) Com os objetivos que se tem em vista atingir.

3.º Se a instrução visa o preparo para a guerra, é lógico que desde o início devemos criar e procurar desenvolver nos recrutas as faculdades e reflexos de ação no combate. E' preciso acostumá-lo a essa idéia fixa do combate, de maneira que o jovem soldado tenha como suas primeiras impressões a noção real do que é a guerra.

O meio de se conseguir essa realidade é muito simples, porque encerra apenas uma questão de **mise-en scène**. Basta viver-se a situação, materializando o inimigo, sobretudo os seus fogos e figurando também os fogos amigos, afim de ressaltar desde o início a possibilidade de se lutar vitoriosamente contra o fogo inimigo, destruindo-o ou neutralizando-o.

Sendo o fogo onipotente no campo de batalha, não se pode conceber hoje um exercício de combate sem a idéia dominante dêsse fator. Por maior que seja "a memória evocativa do instrutor", êle não dará ao recruta uma noção perfeita da potência de fogo e da zona batida no terreno, se não concretizá-las por qualquer processo.

E' preciso chocar a imaginação do jovem soldado com quadros vivos das diversas situações no combate, fazendo-o agir no terreno com a dupla noção de "matar o adversário correndo o risco de ser morto por êle". O homem no com-

bate agirá sempre dominado pelo "tirânico instinto de conservação, que se impõe sob duas fórmulas de reflexos: a) os passivos, que o fazem pensar em abrigar-se, enterrar-se, a sair da zona de morte, a correr do perigo; b) outros ativos, que os incitam a suprimir o perigo, destruindo o adversário procurando matá-lo ou neutralizá-lo".

Os reflexos passivos que variam com o medo, estado nervoso, etc., podem ser diminuídos pela educação moral, pelo Patriotismo e, sobretudo, pelo exemplo dos chefes imediatos. Infelizmente, não podemos evitá-los por nenhum processo, mas procuramos limitá-los, desenvolvendo o espírito de sacrifício, as idéias da Honra e do Dever Militar.

Os reflexos ativos, porém, devemos sempre aumentá-los, porque "se o homem não procura a luta ele vê sempre a vitória". É preciso desenvolver no soldado, juntamente com a compreensão do combate, o espírito ofensivo que se traduzirá por sua confiança na potência do fogo ofensivo, na sua capacidade própria para explorar os efeitos desse fogo e, sobretudo, no melhoramento de sua personalidade aumentando-lhe a vontade, a ação e a iniciativa.

#### 4.º O valor da instrução individual:

Penso ser desnecessário, por superfluo, querer encarecer a importância da instrução individual.

Esta importância, como todos sabem e compreendem, é um axioma. Repetirei, apenas, as palavras dos Regulamentos:

"Em particular, a instrução individual é exigida como base da instrução da tropa e nunca é demais o tempo nela empregado pelo instrutor".

O preparo individual do soldado, quer técnico, quer tático, deve ser essencialmente prático e constituirá durante todo o ano de instrução objeto das cogitações dos instrutores, que para conseguirem êxito têm de, contínua e perseverantemente, lhes dedicar todo o carinho e cuidado.

Sobre a Escola do Soldado os nossos regulamentos são claros e completos, não deixando a menor dúvida quanto a progressão e a maneira de ministrar os diversos assuntos.

Sobre a instrução tática individual, porém, é preciso que o instrutor possua no seu arquivo o pouco que de bom tem sido publicado entre nós e em França. O livro do Cap. Tristão Araripe "Conselhos sobre a instrução de combate e Serviço em Campanha", constitui uma verdadeira preciosidade neste ponto e, é, apesar de publicado há anos, até hoje insubstituível. As "Lições do Infante", do Cmt. Lafagne, constituem outro livro que merece ser conhecido por todos os intrutores de infantaria. As suas lições, uma vez adotadas aos nossos Regulamentos, mereciam também serem, si possível, traduzidas e divulgadas para conhecimento de todos. O anexo I do R. E. C. I. e o anexo VI do Regulamento Francês, dão indicações mais ou menos gerais sobre a instrução tática individual.

A propósito ainda da instrução tática individual, julgo oportuno fazer algumas considerações:

Discordamos profundamente daqueles que pensam que, como o soldado hoje não combate mais isolado, sendo os esforços empregados pelos grupos e entre os grupos, tenha diminuído a importância da instrução tática individual.

Não concordamos também com outros que, afirmando "que o soldado não faz tática", querem reduzir a sua instrução individual, resumindo-a no tiro, treinamento de marchas e aproveitamento do terreno.

Aos primeiros diremos que cada grupo age pela combinação da ação dos soldados que o compõem e, por consequência, a conduta do grupo no combate variará na razão direta e lógica do preparo tático individual.

Para responder aos segundos, fazemos nossas as palavras do Cel. Corbé, na E. A. O., em 1928: "Muita gente faz tática sem pensar nela". De fato, fazer tática não é mais do que raciocinar sobre qualquer questão tática. Ora, se o soldado raciocina na esfera limitada das suas missões para executá-las bem e prontamente, mesmo, agindo pelo reflexo imediato, não se pode negar que êle faça tática. A tática do soldado consiste em procurar agir sempre bem.

Agora, como conclusão:

Só agirá bem no combate o soldado que tiver recebido uma sólida instrução individual e a tiver praticado conscientemente nos exercícios de combate.

**5.º Como deve ser ministrada a instrução do 1.º período:**

Dois processos têm sido adotados nos corpos de tropa:

a) o da **Generalização** — o tenente dá toda a instrução ao seu Pel. ou Escola;

b) . . o da **Especialização** — em que se procura distribuir os assuntos pelos instrutores.

Neste segundo grupo está indicado o método francês chamado dos **ateliéres**, atualmente bastante discutido em França.

Ambos apresentam vantagens e inconvenientes e exprimem, á meu ver, os dois extremos que vão nos servir, para encontrarmos, na média, a solução que nos convém.

A **Generalização da Instrução** teóricamente pode ser considerada boa, porém a prática não a aprovou. Ela não obedece ao regimen de economia de fôrças e ao principio do rendimento útil do trabalho.

O aproveitamento da personalidade e do feitiço característico dos instrutores no período de recrutas constitue a parte sutil e psicológica do Cmt. da Cia.

Tive, quando servia no 10.º R. I., oportunidade de verificar num exame de recrutas que todos os instruendos conheciam perfeitamente bem a parte de instrução geral, incluindo como curiosidade o conhecimento de quasi todo o Código Penal Militar comentado.

Só quem conhecesse, como eu, o grau de intelligência dos referidos recrutas, poderia avaliar da paciência beneditina do geito especial para ensinar tal parte, revelados pelo colega que a ministrou. Estou mesmo certo que nenhum dos demais tenentes do 10.º R. I. naquella ocasião conseguiria obter tal resultado.

Cito este fato para me aproximar da especialização, que visa dividir o trabalho e aproveitar a habilidade de cada instrutor naquilo que pode obter o máximo rendimento.

A especialização é e foi combatida por muitos que a julgam má, por acarretar o descaso ou falta de preparo do instrutor nos outros ramos da instrução de que não é encarregado. Acho esta objeção falha de lógica, pois não se deve e não se pôde pretender afirmar que tal instrutor, porque instrue "Armamento e Tiro", por exemplo, não seja capaz de ministrar aos recrutas uma lição de educação física, uma instrução de organização do terreno ou fazer-lhes uma pequena palestra sôbre os deveres do soldado para com a Pátria.

Não se conclúa, porém, daí, que eu seja apologista da especialidade absoluta, isto é, de ter especialistas para tudo. Mesmo porque o quadro da Cia. não comportaria, contando com o Cap., senão de um especialista, no máximo para cada grupo em que dividimos a instrução.

A solução que considero a melhor e cujos resultados na prática com sinceridade pude constatar é a especialidade relativa — mixto dos dois processos, no qual se aplicará a generalização ao IV Grupo (Exercícios de Combate e Serviço em Campanha) e a especialização nos demais.

Assim, para o 1.º período teríamos para a Cia.:

a) **Armamento e Tiro** — Ten. X., especialista;

b) **Técnica de R.O.T.** — Ordem unida e maneabilidade — Ten. Y., especialista;

c) **Educação física e moral** — Instrução Geral — Ten. Z., especialista;

d) **Instrução de combate e serviço em campanha.** — Tens. X. Y. Z. Fiscalização geral do Cap. Cmt., de acôrdo com o R. I. Q. T..

Com esta subdivisão teremos:

a) cada Tenente instruindo seu Pel. nos exercícios de Combate e Serviço em Campanha, onde os homens aplicam tudo que aprenderam nos demais grupos, o que vem esmagar completamente a objeção dos que combatem a especialização;

b) a divisão do trabalho, diminuindo esforços e aproveitando as habilidades de cada Tenente, para se obter o maior aproveitamento da tropa na instrução;

c) de cada Tenente uma maior capacidade de trabalho, traduzido no rendimento máximo em cada sub-grupo de que é encarregado;

d) desenvolvimento do estímulo necessário entre os subalternos da Cia.

Quanto aos auxiliares-sargentos, cabos e monitores não convém especializá-los. Dentro do período de recrutas será melhor alterná-los por um rodízio nos três primeiros sub-grupos, obrigando-os também a trabalhar com suas frações na parte de Combate e Campanha.

6.º **Programas de instrução** — “A instrução da tropa é feita essencialmente na Cia. sob a direção do Cap”.

De acôrdo com o horário estabelecido pelo comando e com as diretivas gerais por êle fornecidas sôbre a instrução, o Cap. assenta no fim de cada semana o programa semanal de instrução.

Esse programa semanal se subdivide em jornadas, cada uma delas comportando tanto quanto possível:

- a) uma seção de instrução física;
- b) um exercício principal;
- c) exercícios anexos;
- d) uma formatura.

Para a execução dessas jornadas o Cap. reunirá diariamente na vespera os quadros de sua Cia., afim de se tomarem as providências necessárias ao preparo material e assentar o modo pelo qual serão ministradas as diversas fases da jornada seguinte.

Todo programa, porém, ficará sujeito às possibilidades da Cia.; meios que dispõe em pessoal e material, tempo a se empregar, objetivos a atingir, processos de ensino e progressão racional dos assuntos a ensinar.

**Nota da Redação** — O trabalho do Major Nilo Guerreiro foi publicado nesta Revista há 8 anos e, agora, é reeditado pela excelência e oportunidade de seus conceitos e ensinamentos.